

EN/PT - ESTREIA 2028

assédio
teatro

[illegible]

CREDITS

999 WAYS TO END

(working title)

Original Idea: Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra

Direction: Dongbin Lee and Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra

Dramaturg & Creative Process Assistant: Pedro Galiza

Concept Development: Dongbin Lee, Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra and Pedro Galiza

Performers & Co-authors: Inês Simões Pereira, Pedro Quiroga Cardoso and three additional performers to be selected through the two-week workshop

Light Designer: Nuno Meira

Set & Costume Designer: Sissa Afonso

Sound Design: Francisco Leal

Streaming Team: TBC

Format: Durational performance, approximately 6 hours, with live online streaming.

999 WAYS TO END

(título provisório)

Ideia original: Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra

Direcção: Dongbin Lee e Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra

Texto e assistente do processo criativo: Pedro Galiza

Desenvolvimento do conceito: Dongbin Lee, Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra e Pedro Galiza

Interpretação e coautoria: Inês Simões Pereira, Pedro Quiroga Cardoso e três intérpretes a seleccionar através do workshop de duas semanas

Desenho de luz: Nuno Meira

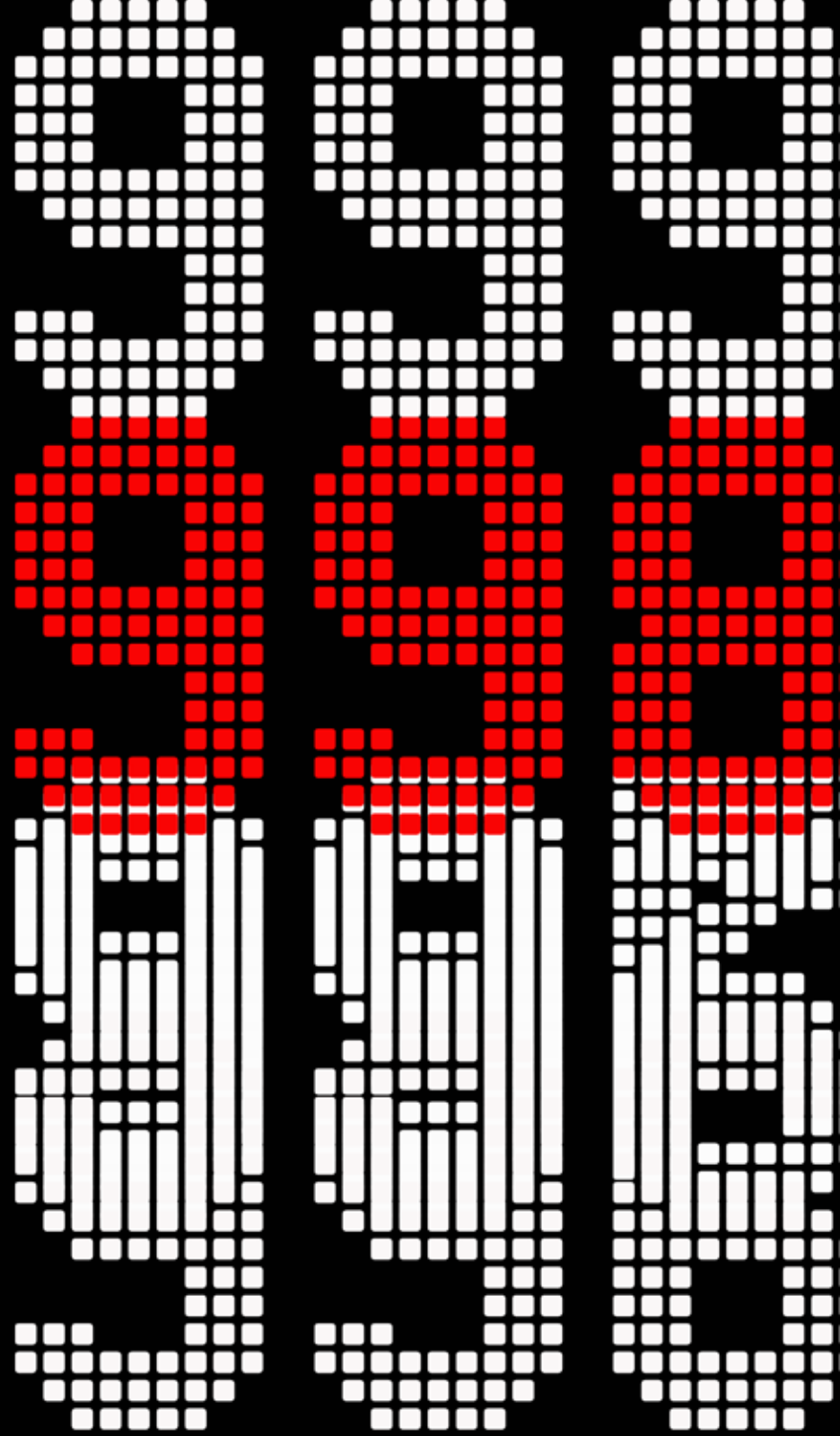
Cenografia e figurinos: Sissa Afonso

Sonoplastia: Francisco Leal

Equipa de transmissão: A confirmar

Formato: Performance de longa duração, com cerca de 6 horas, com transmissão online em direto.

FICHA ARTÍSTICA



ABOUT THE PROJECT

999 WAYS TO END is a durational performance built around a simple proposition:

to rehearse endings.

Over approximately six hours, five performers attempt to produce, test, repeat, and transform **999 possible ways of ending**.

A visible countdown from **999 to 0** accompanies the entire performance. Each time something ends, the number decreases. The task is concrete, but what counts as an ending is not. An ending may take a few seconds or several minutes; several may happen simultaneously; some may fail to end at all.

The performance is not composed of 999 fully predetermined scenes. Instead, the creation process seeks to develop a **generative performance system**: a repertoire of rules, texts, images, actions, and compositional procedures through which endings can be produced, combined, and transformed in real time.

The creation process will move across **different performative languages**, including physical action, text, sound, images, objects, personal and fictional narratives, historical research, improvisation, and collective composition. Some materials may return, transform, or acquire an epilogue hours after they first appeared.

The investigation begins with theatre itself. How do we know when a performance is over? A blackout. A final sentence. A death. An exit. A bow. Applause. Silence. A curtain call.

Through repetition and accumulation, however, the question gradually expands beyond theatre:

A hamburger can end.

A conversation can end.

A relationship can end.

An era can end.

A species can end.

Perhaps even a particular idea of what it means to be human can end.

By placing the banal beside major human issues, the intimate beside the historical, *999 WAYS TO END* asks not only **how things end, but how we live with endings**: which ones we fear, which ones we desire, which ones we resist, and which ones may already have happened without us recognising them.

The work extends beyond the theatre walls through a **live online stream**, conceived as an additional performance space, not just documentation. Audiences may enter, leave and return to the theatre, follow the work remotely, or move between the two spaces while the countdown continues.

REHEARSING ENDINGS

Ending is something we do constantly. We finish meals, books, conversations and working days. We end relationships. We say goodbye. We bury people. To rehearse an ending is not only to (re)present it, but to practise it, to test how we relate to it: how we anticipate, desire, fear, resist or recognize that something is over.

Through the performers' personal experiences and imagined futures, questions may emerge such as:

ACERCA DO PROJETO

999 WAYS TO END é uma performance de longa duração construída em torno de uma proposta simples:

ensaiair finais.

Ao longo de aproximadamente seis horas, cinco intérpretes tentam produzir, testar, repetir e transformar **999 formas possíveis de terminar**.

Uma contagem decrescente visível de **999 a 0** acompanha toda a performance. Sempre que algo termina, o número diminui. A tarefa é concreta, mas o que conta como um final não o é. Um final pode demorar alguns segundos ou vários minutos; vários podem ocorrer simultaneamente; alguns podem nem sequer chegar a terminar.

A performance não é composta por 999 cenas totalmente predeterminadas. Em vez disso, o processo de criação procura desenvolver um **sistema de performance generativo**: um repertório de regras, textos, imagens, ações e procedimentos composicionais através dos quais os finais podem ser produzidos, combinados e transformados em tempo real.

O processo de criação percorrerá **diferentes linguagens performativas**, incluindo acção física, texto, som, imagens, objectos, narrativas pessoais e ficcionais, investigação histórica, improvisação e composição coletiva. Alguns materiais poderão reaparecer, transformar-se ou adquirir um epílogo horas depois de terem surgido pela primeira vez.

A investigação começa com o próprio teatro. Como sabemos quando uma representação termina? Um black-out. Uma frase final. Uma morte. Uma saída. Uma vénia. Aplausos. Silêncio. Uma chamada à cena.

Através da repetição e da acumulação, no entanto, a questão expande-se gradualmente para além do teatro:

Um hambúrguer pode acabar.

Uma conversa pode acabar.

Uma relação pode acabar.

Uma era pode acabar.

Uma espécie pode acabar.

Talvez até mesmo uma ideia específica do que significa ser humano possa acabar.

Ao colocar o trivial ao lado das grandes questões humanas, o íntimo ao lado do histórico, *999 Ways to End* questiona não só **como as coisas acabam, mas também como vivemos com os finais**: quais deles tememos, quais desejamos, a quais resistimos e quais podem já ter acontecido sem que nos tenhamos apercebido.

A obra estende-se para além das paredes do teatro através de uma **transmissão online em direto**, concebida como um espaço de representação adicional, e não apenas como documentação. O público pode entrar, sair e regressar ao teatro, acompanhar a obra remotamente ou alternar entre os dois espaços enquanto a contagem decrescente continua.

ENSAIAR FINAIS

O fim é algo que fazemos constantemente. Terminamos refeições, livros, conversas e dias de trabalho. Terminamos relações. Dizemos adeus. Enterramos pessoas. Ensaiair um fim não é apenas (re)apresentá-lo, mas praticá-lo, testar a forma como nos relacionamos com ele: como antecipamos, desejamos, tememos, resistimos ou reconhecemos que algo acabou.

Através das experiências pessoais dos intérpretes e dos futuros que estes imaginam, podem surgir questões como:

WAYS TO END

What am I afraid will end?

What do I wish would end?

What in my life has already ended without me accepting it?

How do I imagine my own ending?

What would I like to remain afterwards?

The countdown embodies a central contradiction: **it promises an end while continuously postponing it.**

For six hours, performers and audiences rehearse ending together. As endings accumulate, repetition becomes physical: exhaustion, expectation and duration affect both performers and audience members. An action that was comic during the first hour may acquire a completely different weight during the fifth.

Through accumulation and duration, the performance becomes both **a living repertoire of endings and a shared practice of ending.**

LIVING AT THE END?

The creation of this performance is also born from a particular contemporary sensation: **the feeling that something is ending or has ended, even when we cannot clearly identify what it is.**

Ecological instability, political transformation, technological acceleration, and artificial intelligence repeatedly confront us with narratives of disappearance and irreversible change: the end of professions, ways of life, ecosystems, political orders, and perhaps certain understandings of humanity itself.

999 WAYS TO END does not claim that we are living through “the end of the world”, nor does it attempt to predict what comes next.

Instead, it asks:

What if we are waiting for signs of endings that have already happened?

And at the same time:

What needs to be allowed to end for something else to become possible?

In *999 WAYS TO END*, we want to give the audience the agency to determine its own duration within this structure.

A spectator may stay for twenty minutes or several hours, leave and return, or continue watching online. Each spectator therefore faces a simple decision that echoes the larger investigation:

When is this over for me?

Do que tenho medo que acabe?

O que gostaria que acabasse?

O que é que, na minha vida, já acabou sem que eu o tenha aceitado?

Como imagino o meu próprio fim?

O que gostaria que permanecesse depois?

A contagem decrescente encerra uma contradição central: **promete um fim, ao mesmo tempo que o adia continuamente.**

Durante seis horas, os artistas e o público ensaiam juntos o fim. À medida que os finais se acumulam, a repetição torna-se física: o cansaço, a expectativa e a duração afetam tanto os intérpretes quanto o público. Uma ação que era cômica durante a primeira hora pode adquirir um peso completamente diferente cinco horas depois.

Através da acumulação e da duração, a performance torna-se simultaneamente **um repertório vivo de finais e uma prática partilhada de desfechos.**

VIVER NO FIM?

A criação desta performance surge também de uma percepção contemporânea específica: **a sensação de que algo está a chegar ao fim ou já chegou ao fim, mesmo quando não conseguimos identificar claramente o que é.**

A instabilidade ecológica, a transformação política, a aceleração tecnológica e a inteligência artificial confrontam-nos repetidamente com narrativas de desaparecimento e mudança irreversíveis: o fim de profissões, modos de vida, ecossistemas, ordens políticas e, talvez, certas concepções da própria humanidade. *999 WAYS TO END* não afirma que estamos a viver «o fim do mundo», nem tenta prever o que virá a seguir.

Em vez disso, questiona:

E se estivermos à espera de sinais de finais que já aconteceram?

E, ao mesmo tempo:

O que é preciso deixar acabar para que outra coisa se torne possível?

Em *999 WAYS TO END*, queremos dar ao público a autonomia para determinar a sua própria duração dentro desta estrutura. Um espectador pode ficar durante vinte minutos ou várias horas, sair e voltar, ou continuar a assistir online. Cada espectador depara-se, portanto, com uma decisão simples que ecoa a investigação mais ampla:

Quando é que isto acaba para mim?



PROVISIONAL DEVELOPMENT TIMELINE

2027 - Workshop & Research Laboratory

In the summer of 2027, the project will begin with an intensive **2-week laboratory**. This first phase will establish the working methodology, a shared training practice, and the principles of the generative system. Alongside this research, the team will begin producing the first **artistic capsules and performative materials**, testing ideas through practice and identifying possible directions for the future work.

2028 - Creation, Devising & Premiere

The initial laboratory will provide the team with a clearer understanding of the project's artistic direction and of the materials and performative possibilities that are most compelling to pursue. In 2028, an extended creation period of approximately **two and a half months** will be dedicated to devising, composition, and rehearsal, developing the research into the final durational performance.

The creation period will culminate in the public premiere of *999 Ways to End* in 2028, on a date to be confirmed.

CRONOGRAMA PROVISÓRIO DE DESENVOLVIMENTO

2027 – Workshop e Laboratório de Investigação

No verão de 2027, o projecto terá início com um laboratório intensivo de duas semanas. Esta primeira fase irá estabelecer a metodologia de trabalho, uma prática de formação partilhada e os princípios do sistema generativo. Paralelamente a esta investigação, a equipa começará a produzir as primeiras cápsulas de criação e materiais performativos, testando ideias através da prática e identificando possíveis orientações para o trabalho futuro.

2028 – Criação, Concepção e Estreia

O laboratório inicial proporcionará à equipa uma compreensão mais clara da orientação artística do projeto e dos materiais e possibilidades performativas que se revelem mais interessantes de explorar. Em 2028, será dedicado um período de criação prolongado, com a duração aproximada de dois meses e meio, à concepção, composição e ensaios, desenvolvendo a investigação até à prolongada performance final.

O período de criação culminará na estreia pública de *999 Ways to End* em 2028, numa data a confirmar.

EN

PT

TRAINING AND DEVISING PERFORMANCE WORKSHOP TOWARDS 999 WAYS TO END

The two-week workshop in Porto will be led by **Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra** and **Dongbin Lee** and will combine **performer training, artistic research, and collective creation**, directly connected to the development of *999 WAYS TO END*, a new durational performance project.

Rather than separating training from creation, the workshop will gradually move from one into the other. We will begin by building a shared physical and performative language through practices related to **presence, physical training, listening, repetition, endurance, duration, task-based improvisation, and instant collective composition**. From there, these practices will begin to meet the central question of the project: how do we perform and recognize an ending?

Javier and Dongbin bring distinct but complementary trajectories in performer training and contemporary performance. Javier's practice draws on more than 15 years of physical theatre and contemporary performance, including intensive research at the **Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards**, and his subsequent work as a performer and maker. He is currently pursuing a **PhD in Artistic Research at the Estonian Academy of Music and Theatre**. Dongbin's practice bridges **contemporary physical performance and Korean traditional performing arts**, particularly **Bongsan Talchum (Korean mask dance)**, exploring how traditional forms can be transformed through contemporary and intercultural creation. As close creative collaborators, Javier and Dongbin have developed **HIC SUNT LEONES**, a shared artistic platform exploring how training and devising can take performance artists beyond familiar habits and ways of working. Through constraints, interference and relational practices, they seek to create situations in which performance makers can work with **instability and the unknown**, becoming more responsive and allowing unexpected material to appear.

This approach is at the heart of the Porto workshop. **Training is understood not simply as preparation for performance or as a way of improving particular skills or styles, but as a way of creating the conditions for something not yet known to emerge**. It will meet contemporary experimental and postdramatic approaches, where material emerges not necessarily from dramatic text or predetermined narrative, but it can grow from actions, tasks, objects, repetition, duration, language, sound, audience interaction and the play with performative conventions.

WORKSHOP DE FORMAÇÃO E CONCEPÇÃO DE PERFORMANCE PARA 999 WAYS TO END

O workshop de duas semanas no Porto será conduzido por **Javier Cárcel Hidalgo-Saavedra** e **Dongbin Lee** e combinará **formação de intérpretes, investigação artística e criação coletiva**, directamente ligadas ao desenvolvimento de *999 WAYS TO END*, um novo projecto de performance de longa duração.

Em vez de distinguir a formação da criação, o workshop passará gradualmente de um momento para outro. Começaremos por construir uma linguagem física e performativa partilhada através de práticas relacionadas com a **presença, o treino físico, a escuta, a repetição, a resistência, a duração, a improvisação baseada em tarefas e a composição colectiva espontânea**. A partir daí, estas práticas começarão a abordar a questão central do projeto: como representamos e reconhecemos um final?

Javier e Dongbin trazem percursos distintos, mas complementares, na formação de intérpretes e na performance contemporânea. A prática de Javier assenta em mais de 15 anos de teatro físico e performance contemporânea, incluindo investigação intensiva no **Workcenter de Jerzy Grotowski e Thomas Richards**, e o seu trabalho subsequente como intérprete e criador. Atualmente, está a fazer um **doutoramento em Investigação Artística na Academia de Música e Teatro da Estónia**. A prática de Dongbin estabelece uma ponte entre a **performance física contemporânea e as artes performativas tradicionais coreanas**, em particular o **Bongsan Talchum (dança de máscaras coreana)**, explorando a forma como as linguagens tradicionais podem ser transformadas através da criação contemporânea e intercultural.

Como colaboradores criativos próximos, Javier e Dongbin desenvolveram a **HIC SUNT LEONES**, uma plataforma artística partilhada que explora o modo como a formação e a criação podem afastar os performers das suas rotinas e formas de trabalho habituais. Através de restrições, interferências e práticas relacionais, eles procuram criar situações em que os artistas possam trabalhar com a **instabilidade e o desconhecido**, tornando-se mais receptivos, permitindo assim que surja material de trabalho inesperado.

Esta abordagem será o foco do workshop do Porto. **A formação é entendida não apenas como uma preparação para a representação ou como uma forma de aperfeiçoar competências ou estilos específicos, mas como uma forma de criar as condições para que algo ainda desconhecido possa emergir**. Irá abordar abordagens experimentais e pós-dramáticas contemporâneas, nas quais o material não surge necessariamente de um texto dramático ou de uma narrativa pré-determinada, mas pode desenvolver-se a partir de ações, tarefas, objetos, repetição, duração, linguagem, som, interação com o público e o jogo com as convenções performativas.

FROM TRAINING TO CREATION

During the two weeks, participants will gradually move from **training into the creation of material directly related to 999 WAYS TO END**. Together, we will investigate physical, theatrical, social and everyday ways of ending: finishing an action, leaving a room, ending a conversation, completing a task, breaking a relationship, concluding a performance, saying goodbye, disappearing, failing to finish, or repeating an ending until its meaning or recognizability begins to change.

Through improvisation, composition and structured tasks, this material will be generated, documented, selected and reworked. **An exercise may become a scene; a training structure may become a performative score; an improvisation may produce a recurring situation, text, image or action.** In this way, the workshop becomes part of the creation itself rather than something that happens before it.

A particular focus will be placed on **repetition, variation, accumulation and duration**. What happens when one ending follows another? When something initially banal becomes absurd, disturbing or moving through accumulation? How can performers sustain a structure in which the audience is continuously confronted with endings, moving from everyday gestures towards personal, social, historical or planetary endings?

We will also explore the **relationship between performer and spectator**, working with different degrees of proximity and participation: when does the audience remain a witness, when does it become part of an action, and when can an ending only happen through an encounter between performer and spectator?

The workshop will therefore become a first stage in the creation of *999 WAYS TO END*: a durational performance conceived as an accumulation of endings, in which performers and spectators spend several hours **practising, rehearsing and experiencing the act of finishing**. By the end of the two weeks, the aim is to have created a shared language and a first substantial body of material from which the future performance can grow.

DA FORMAÇÃO À CRIAÇÃO

Durante estas duas semanas, os participantes passarão gradualmente da **formação para a criação de material directamente relacionado com 999 WAYS TO END**. Juntos, iremos explorar formas físicas, teatrais, sociais e quotidianas de «terminar»: concluir uma acção, sair de uma sala, terminar uma conversa, concluir uma tarefa, romper uma relação, encerrar uma performance, despedir-se, desaparecer, não conseguir terminar ou repetir um final até que o seu significado ou reconhecibilidade comece a mudar.

Através da improvisação, da composição e de tarefas estruturadas, este material será gerado, documentado, selecionado e retrabalhado. **Um exercício pode tornar-se uma cena; uma estrutura de ensaio pode tornar-se uma partitura performativa; uma improvisação pode produzir uma situação recorrente, um texto, uma imagem ou uma ação.** Desta forma, o workshop torna-se parte da própria criação, em vez de algo que acontece antes dela.

Será dada especial atenção às acções de **repetição, variação, acumulação e duração**. O que acontece quando um final se segue a outro? Quando algo inicialmente vulgar se torna absurdo, perturbador ou comovente através da acumulação? Como podem os intérpretes sustentar uma estrutura em que o público é continuamente confrontado com finais, passando de gestos do quotidiano para finais pessoais, sociais, históricos ou planetários?

Iremos também explorar a **relação entre intérprete e espectador**, trabalhando com diferentes graus de proximidade e participação: quando é que o público permanece como testemunha, quando é que se torna parte de uma acção e quando é que um final só pode acontecer através de um encontro entre intérprete e espectador? O workshop tornar-se-á, assim, uma primeira etapa na criação de *999 WAYS TO END*: uma performance de longa duração concebida como um acúmulo de finais, na qual intérpretes e público passam várias horas a **praticar, a ensaiar e a vivenciar o ato de terminar**. No final das duas semanas, o objetivo é ter criado uma linguagem partilhada e um primeiro conjunto substancial de material a partir do qual a futura performance possa desenvolver-se.



ASSÉDIO TEATRO

A theater company based in Porto, Portugal, which, with twenty-seven years of existence, stands out in Portugal for having one of the richest and most fruitful track records in promoting contemporary texts and authors. Always attentive to what is being written in the Western cultural sphere, its work is grounded in the exploration of mechanisms that engage the audience, both thematically and formally. It can be described as a collective of creators capable of ensuring artistic autonomy and identity. This maturity stems not only from the experience of its members but also from the development of a trajectory built on strong bonds cultivated through artistic and personal collaborations and the ongoing dialogue about theatrical practice—essential conditions for the continuous renewal of creative languages on stage.

It is in the convergence of a coherent repertoire selection with the renewal of theatrical languages that Assédio Teatro has grounded the quality and distinction of its work.

It is through knowledge accumulated through experience and a restlessness fueled by the act of creation that this collective has built its identity and its relationship with the audience.

ASSÉDIO TEATRO

Companhia de Teatro sediada no Porto, Portugal que, com vinte e sete anos de existência, se distingue por ter um dos mais ricos e profícuos percursos na divulgação de textos e autores contemporâneos. Sempre atenta ao que se escreve no espaço cultural ocidental, o seu trabalho assenta na pesquisa de mecanismos interpeladores, tanto ao nível temático como formal. Podemos dizer que é um colectivo de criadores capaz de assegurar autonomia e identidade artísticas. Esta maturidade, não só é dada pela experiência das pessoas que o compõem, como pela construção de um percurso feito de fortes cumplicidades cultivadas nas colaborações artísticas e humanas e na manutenção de diálogo sobre a prática teatral, condições essenciais para a permanente atualização das linguagens criativas de cena.

É no encontro da coerência da escolha de repertório com a renovação das linguagens cénicas, que a Assédio Teatro tem assentado a qualidade e distinção do seu trabalho. Tem sido através de um saber acumulado pela experiência e de uma inquietação alimentada pelo fazer, que este coletivo tem construído a sua identidade e a relação com o público.

CONTACTS CONTACTOS

PRODUCTION MANAGEMENT DIRECÇÃO PRODUÇÃO

INÊS SIMÕES PEREIRA

M: 914 780 810

assedio.prod@gmail.com

ARTISTIC DIRECTION DIRECÇÃO ARTÍSTICA

PEDRO GALIZA

M: 912 747 987

JOÃO CARDOSO

M: 919 396 908

ASSÉDIO TEATRO ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS OSCURAS

www.assedioteatro.com

[instagram.com/assedioteatro](https://www.instagram.com/assedioteatro)

[facebook.com/assedioteatro](https://www.facebook.com/assedioteatro)

SALA DE BOLSO

Rua de Miragaia, nº 61 4050-386 Porto

[instagram.com/saladebolso](https://www.instagram.com/saladebolso)

[facebook.com/saladebolso](https://www.facebook.com/saladebolso)